



## AS NOVAS TECNOLOGIAS GENÓMICAS (NGT) E A EUROPA

*(a propósito da não aprovação da regulamentação das NGT pelo Conselho de Ministros Europeus da Agricultura)*

Quando, em meados dos anos 90 do século passado, a Europa resolveu proibir o cultivo e o uso de matérias primas e produtos, provenientes de variedades



**Pedro Fevereiro**, Diretor Executivo do Laboratório Colaborativo InnovPlantProtect e Professor Catedrático Convidado do ITQB NOVA

cultivadas que utilizavam a engenharia genética para o seu melhoramento, encetou um caminho equívoco e falso que continua a trilhar. De facto, a razão desta proibição baseou-se em duas perspetivas: a de que, tendo perdido a propriedade intelectual da tecnologia que criou, através dos trabalhos de “Jeff” Schell e Marc Montagu, na Bélgica, estaria em desvantagem comercial com o bloco americano, em particular em anos de acumulação de milho produzido na Europa; e de que o modo de produção dito “biológico” seria a via adequada para produzir bens agrícolas, apesar da sua ineficiência, da sua falta de suporte científico, da necessidade de maior área para produzir a mesma quantidade de alimentos e, em muitos casos, de uma qualidade inferior dos alimentos assim produzidos.

Esta política criou na Europa uma economia de mercado que se mantém, apesar das evidências repetidas da sua desade-

quação, criando dificuldades aos produtores e preços elevados para os consumidores, numa espiral de insustentabilidade clara. O intrincado sócio-legal-económico-político entretanto criado, impede tomadas de decisão racionais, numa sociedade cidadina que tem dificuldades em compreender como é que os alimentos chegam às lojas onde se abastecem.

Por tudo isto, não estranho a recente decisão do Conselho Europeu, que reúne os ministros europeus da Agricultura, de não aprovar a proposta da Comissão Europeia de uma regulamentação que agilize a utilização das Novas Tecnologias Genómicas, em particular a edição genética, como ferramenta para o melhoramento das características das variedades vegetais cultivadas.

Note-se que esta tecnologia, cujas autoras, ainda recentemente, receberam o prémio Nobel da Medicina, já está a ser utilizada na medicina para salvar e melhorar vidas humanas, de resto como a

engenharia genética já tradicional o faz todos os dias. Note-se também que esta tecnologia resulta do conhecimento detalhado dos genomas de milhares de organismos, quer daqueles onde foram encontradas as ferramentas biológicas que permitem a sua constituição – uma proteína enzimática (a CAS) e um pequeno RNA (o CRISPR) – quer das plantas de que dependemos para produzir alimentos. Atualmente, conhece-se em detalhe a sequência genética (o DNA) de todas as culturas agrícolas, o que nos permite conhecer com enorme precisão as regiões do genoma onde queremos intervir, para alterar, de uma forma precisa, as características das variedades cultivadas.

O conjunto de tecnologias da edição genética à nossa disposição permite-nos ajustar, de uma forma muito mais precisa e rápida do que as técnicas de melhoramento tradicional, e sem a introdução de DNA estranho à espécie, as características das culturas às condições climáticas e às ameaças de pragas e doenças. Num ambiente em que as alterações climáti-

cas se encontram em aceleração, esta capacidade é fundamental para adaptar as culturas às novas condições. Sendo mais baratas, estas tecnologias permitem o desenvolvimento de variedades regionais, produzidas por pequenas e médias empresas e por instituições de investigação, aumentando a eficiência da produção local de alimentos. Permitem ainda – já demonstrado cientificamente – melhorar as características organolépticas e nutricionais dos produtos alimentares. Permitem também a criação de variedades vegetais tolerantes a pragas e doenças, reduzindo significativamente o uso de pesticidas, quer sejam estes sintéticos ou biológicos.

O perfil de segurança das variedades assim obtidas é absolutamente idêntico ao das variedades obtidas por técnicas tradicionais. A redução do uso de fatores de produção para cultivar estas variedades, inclusive de um recurso escasso como a água, permite aumentar a economia dos produtores agrícolas e reduzir o custo das matérias primas às indústrias alimentares

e dos alimentos aos consumidores.

A pergunta que se coloca é, então porque é que a Europa não quer a utilização destas tecnologias? A minha resposta é que uma ideologia supostamente “verde”, mas claramente obtusa, obscurantista e cientificamente inculta, que manietta decisores, que condiciona a política agrícola comum europeia e que perpassa pela opinião pública, esta dominada por “influencers” ridículos, domina a tomada de decisão europeia. Enquanto houver dinheiro para suportar esta “visão”, que neste contexto replica algumas das perspetivas da “noite de cristal”, esta Europa ir-se-á mantendo. Quando essa “almofada” faltar, passaremos todos um mau bocado e talvez que da Europa como a conhecemos pouco venha a restar.

Felizmente, Portugal tem conseguido manter-se consciente da importância destas tecnologias e tem mantido um espírito aberto e cientificamente informado, estando pronto a utilizá-las se a Europa souber, entretanto, arrear o caminho. ●

LISBON



AFFAIR



4/6 FEV. 2024

**O MAIOR EVENTO DO  
SECTOR ALIMENTAR  
E BEBIDAS  
EM PORTUGAL**

**INSCREVA A  
SUA EMPRESA  
EM**  
[LISBONFOODAFFAIR.FIL.PT](http://LISBONFOODAFFAIR.FIL.PT)